

11

FOGOS AMIGOS E DESOBEDIÊNCIAS: PALESTRA PROFERIDA NO CINABEH²⁵

João Manuel de Oliveira

Obrigada a todas pelo convite, às pessoas que me antecederam, foi muito importante para mim escutá-las. Até para me ajudar a pensar naquilo que tenho a dizer.

Queria começar também por agradecer a organização, penso que esses encontros, nesse momento, são totalmente vitais para reenergizarmos, para podermos pensar outras políticas, outras formas de ação. Fico feliz de estar aqui com a Thiffany Odara a quem peço a bênção, que é uma Iyalorixá, eu também sou de Axé, então queria já começar por isso, e é uma pessoa de Oxum como eu, então, que as águas nos ajudem a pensar e fazer ultrapassar esses obstáculos que temos pela frente.

²⁵ Optei por deixar a fala transcrita na íntegra, apenas levemente editada. Sobre estes temas, discorro mais longamente em Oliveira (2018) e Oliveira (2013).

Eu queria começar por falar um pouco, bem na linha do que a Thiffany estava trazendo, de uma série de saberes, práticas, formas de vida, que servem de resistência e antídoto a isso que estamos vivendo, também queria falar de um fogo amigo que também existe aqui no meio.

Então, olhando também para o trabalho do Marco, a minha fala é um pouco, tentar mostrar outros lados do que essa ofensiva foi fazendo e, sobretudo, o lado da resistência, mas, mostrar que nem todo mundo, nem toda agente que se encontra em uma determinada identidade pode ser considerado aliado dessa luta.

Vou começar um pouco traçando um quadro do que foram os efeitos da modernidade e da ciência moderna, aliada sempre a um marco de colonialidade, se formos pensar no início da modernidade, a Toni Morrison, vai dizer que o primeiro sujeito moderno é o sujeito africano negro, porque ele vai ser retirado de qualquer, das suas raízes e escravizado nas Américas, e é de fato sujeito desenraizado. O primeiro sujeito moderno é a pessoa que é raptada das costas de África e levada para as Américas na escravidão.

Então, essa ideia, ainda me perturba, nós estamos em 2021 e quando eu me imaginava, 20 anos atrás, eu não imaginava que estivéssemos onde estamos neste momento, imaginava, assim, uma coisa totalmente *queer*, que todas essas expressões de gênero livres, todas essas desobediências seriam abraçadas e seriam hegemônicas, pelo contrário, em 2021 continuamos nessa merda.

Então, eu já começo por exprimir meu desagrado em relação a tudo isso, e por isso que eu selecionei uma fala que não trouxesse apenas esse lado, mas, no que eu acho importante trazer, que pode servir de resistência, então, assim, se formos pensar, um dos legados da modernidade que tem sido muito descritos, não só nos estudos decoloniais e pós-coloniais, assim como na produção sobre o racismo estrutural, vamos encontrar um projeto necropolítico, que assente em política de

extermínio e assente também em epistemicídio, numa tentativa de arrasar conhecimentos. Conhecemos isso, por exemplo, em relação aos conhecimentos das populações indígenas, que são totalmente dizimados.

Então, estou querendo pensar aqui, sem deixar de lado essas questões, porque eu não acho que se possa, hoje em dia, pensar nem ativismos *queer*, nem ativismos trans, nem ativismos das dissidências de gênero, sem equacionar essas populações, porque isso já seria em si, contribuir para este epistemicídio, de contribuir com essas políticas de extermínio já existentes.

Assim, observando as produções e estudos de gênero, em que começamos, felizmente, cada vez mais, nos nossos encontros, congressos, saberes trans, saberes travestis, saberes *queer*. Saberes que não são necessariamente heteros, do ponto de vista heteronormativo, do ponto de vista da heterossexualidade enquanto regime político que organiza toda uma sociedade e saberes que não são necessariamente, estritamente, cisgênero.

E para isso temos a agradecer às pessoas trans que começaram a chegar nas universidades e a mostrar o erro que estava sendo feito, da ignorância desses saberes, e, olhando para ela como uma forma de epistemicídio, uma forma de eliminar conhecimentos, pelo contrário, o que ocorre hoje em dia, e felizmente aqui no Congresso da ABEH, é totalmente verdadeiro, temos uma verdadeira celebração de saberes anteriormente subjugados, mas que começam a encontrar lugares onde podem ser expressos, onde podem ser discutidos, onde podem ser debatidos, onde podem ser publicados.

Isso também decorre, necessariamente, de um processo de democratização dos saberes que vai ocorrer muito a partir das medidas e ações afirmativas no quadro das Universidades, e isso, no Brasil, está acontecendo mais recentemente, mas nos outros países, tem experiências que ocorreram antes, porque essas medidas foram implementadas antes.

Então eu queria contar um pouco do que foi, por exemplo, a trajetória dos estudos de gênero em alguns países, nomeadamente nos Estados Unidos, alguns países europeus e, igualmente, dos estudos Afro, eles correspondem, nesses países, as pressões dos movimentos sociais para que suas perguntas sejam respondidas também pela academia.

Então, por exemplo, em vários países, por exemplo, as pessoas, as estudantes achavam que as disciplinas que tinham não incorporavam uma dimensão de gênero e fizeram greve para que essas disciplinas existissem, e vários lugares do mundo isso aconteceu, inclusive aqui no Brasil. Então, eu acho que isso corresponde as demandas dos movimentos sociais e as demandas dos grupos, e das estudantes e dos estudantes para trazer toda uma área que estava sendo totalmente ignorada.

Esse processo que vai ocorrer também em relação a outras áreas do saber como são os estudos Afro, como são, por exemplo, os estudos LGBTI e *Queer*, vão ter que necessariamente a entrada de novos e novas pessoas para fazer esses trabalhos, para fazer esses estudos, então, não se trata só de uma democratização dos saberes, mas de um processo maior de democratização, inclusivamente, dos quadros docentes das universidades que antes eram normalmente, homens heteros, brancos, cis, na sua maioria, que vinham ensinar muitas vezes o mesmo de sempre.

Então, há toda uma dimensão aqui, de um importante desafio epistemológico, que é feito para trazer uma série de questões até antigos, não estou dizendo nada de novo. Mas, estou tentando trazer isso, para trazer um pouco do outro lado da história, porque é interessante perceber como essas áreas do conhecimento serão também muito discutidas e muito construídas nesses diálogos com movimento social, e nesses diálogos, com vários grupos, no fundo, grupo de pessoas interessadas, o melhor exemplo que eu conheço é o caso do movimento trans, que será particularmente importante nos debates sobre gênero, a partir do momento em que começa

ter acesso, a ser chamado para esses lugares e vai exercer uma política absolutamente pedagógica em relação aos estudos de gênero, dizendo: “Vocês não estão falando da gente, vocês não podem falar em nosso lugar”.

Esse tipo de justiça cognitiva que está aqui envolvida, e, justiça social, obviamente, teve implicações muito importantes nos estudos de gênero e em várias áreas, então, eu queria começar por fazer esse ponto, dessa situação, um dos lugares do mundo que eu conheci e que isso acontecia com mais força, foi exatamente no Brasil.

Então, esse panorama que o Marco apresentou, particularmente, deprimente, é acompanhado também por uma época de grande expansão dos estudos de gênero em relação à períodos anteriores, eu comecei a vir para o Brasil em 2011 e já notei nesse momento uma grande produção interessante e inovadora na área dos estudos de gênero, é o Brasil”. Porque não via isso nos Estados Unidos, não via isso em Inglaterra, não via essa força de um movimento de pessoas para trazerem uma ideia quase de uma outra ecologia de saberes. Uma ecologia de saberes que não negava a importância dos saberes ativistas também.

A aliança com ativismos, pessoas dos movimentos sociais, que trouxeram com elas, experiências democráticas extremamente interessantes permitiram reposicionar e repensar este conhecimento, pensando assim a forma como as universidades estavam produzindo e algumas de nós tentávamos escutar e aprendemos muito com essas experiências, então penso que isso é uma coisa bastante interessante, esse trânsito de experiências que vão acontecer de um lado para o outro.

Por outro lado, parece que temos cada vez mais, movimentos conservadores mais ou menos organizados entre si, a explicação do Marco foi muito elucidativa deste ponto de vista e que seria o primeiro ponto, de fato, para olhar, para entender o momento que estamos vivendo, mas, eu gostaria de atenção à estes movimentos e olhar também para algumas práticas

que estão acontecendo no quadro de um neoliberalismo gay e de um liberalismo *Queer*.

Estes conceitos trazem a ideia de que algumas noções liberais, como de algumas pessoas que tendem a ver, por exemplo, as posições anti-gênero e as posições feministas como, no fundo, dois polos de um continuum, e por isso não tem qualquer problema em integrar, tanto a versão feminista, como a versão dos ataques ao gênero, elas estão promovendo um importantíssimo desserviço! Um desserviço no sentido de “essa simetria é falsa”, porque quando estamos falando de trabalhos que tentam, por exemplo, integrar análises que aumentam o espectro da democratização, que aumentam o número de pessoas que podem se ver representadas democráticas naquele saber, é totalmente diferente de dizer: “Menino tem que vestir azul e menina tem que vestir rosa”, não há nenhuma simetria nessas posições, até porque uma é totalmente identificada do ponto de vista da manutenção da ordem de gênero e reduz o espaço da democracia de gênero, enquanto a outra abre possibilidades de vida.

O meu doutorado foi sobre questões, do debate sobre o aborto em Portugal, uma das questões que eu pesquisei no meu doutorado foi precisamente sobre a questão da imposição de uma moral cristã conservadora, que deveria ser imposta a toda uma sociedade e as nossas sociedades são sociedades de profunda diversidade, de uma diversidade grande, de morais, inclusive. Então, por qual motivo uma deve ser hegemônica em relação a outra? Por qual motivo uma deve se sobrepôr a outra enquanto projeto de sociedade? Essa é uma pergunta que eu me faço quando escuto essa gente falando.

Mas, por exemplo, eu estou querendo chegar também no fato de muitas dessas pessoas, com essa posição liberal, que vê essas duas possibilidades como simétricas, são também pessoas LGBT, então, por exemplo, nos resultados das eleições no Brasil, a quantidade de pessoas gays que tinham votado na extrema direita é relativamente assustadora, do meu ponto de vista.

Chegava os 30%, encontramos também várias pessoas que se assumem gays de direita, algumas que eu diria, mais da extrema direita do que propriamente de direita com uma tendência que está retratada em vários trabalhos meus e de outras pessoas, de uma homonormatividade (Oliveira, 2013) que vai ocorrer ali, a partir do momento em que essa inclusão das pessoas, sobretudo das pessoas gays, começa a se tornar mais evidente, com a legislação sobre casamento, uma inclusão que é feita dentro de um quadro relativamente familiar e que muitas vezes deixou de lado, determinadas pautas de ativismos trans, que foram consideradas secundárias em alguns países.

Isso está bem retratado, por exemplo, no caso português, em que a agenda do movimento primeiro tinha que resolver o casamento e depois as questões Trans, viriam depois, então, essa coisa de “as pessoas trans podem esperar”, os outros grupos podem esperar, é uma estratégia que em alguns lugares é identificada como uma certa hegemonia GGG que existe nos movimentos.

No caso português estamos com uma situação que eu acho que é bem interessante, que ilustra isso que eu estava dizendo, um caso de um apresentador de televisão assumidamente gay, Manuel Luis Goucha, que toma como convidados do seu programa várias figuras de extrema direita, alegando estar representando a democracia, então a democracia passou a ser a inclusão da extrema direita num programa que é apresentado por um gay.

Uma tendência também é uma forte comercialização e mercantilização das identidades, sobretudo gay, mas também lésbica, e da diversidade, tipo Benetton, para promover determinados produtos de determinadas empresas, ou seja, um campo que se começa a conseguir entender de um namoro sério do neoliberalismo com a comunidade LGBT, por exemplo, sobre o apoio político às pessoas de extrema direita, o patrocínio por alguma indústria e por algum comércio LGBT ao atual presidente do Brasil, quando era candidato.

Então existe aqui todo um espaço de fogo amigo, de pessoas que supostamente imaginaríamos que estivessem contra a homofobia, transfobia, a favor da democracia, que, no entanto, parecem se posicionar em outros lugares, em outros lados.

É possível encontrar um conservadorismo em muitos lugares, em muitas disciplinas, estou pensando, por exemplo, na minha, na psicologia, isso ocorre toda hora em que, determinados estudos que continuam um legado transfóbico, homofóbico, continuando usando determinados tipos de referenciais teóricos, expressões que continuam a subalternizar várias populações de dissidentes sexuais e de gênero, por outro lado, a contínua e a persistência de uma visão transfóbica e patologizante em muitos estudos, feitos esses sim, sobre pessoas trans enquanto objeto de estudo e chegando sempre nas mesmas conclusões conservadoras e pouco interessantes e patologizantes, obviamente.

Estes processos visam subalternizar a comunidade trans e para além disso, outros também enaltecem o modelo monogâmico entre população LGBT, hegemonia da monogamia como forma única de vida, o modelo familista e muitas pessoas usando também algumas posições contra pessoas não-binárias, ou seja, tentando conter a variedade de formas de viver o gênero e as sexualidades, isso acompanhado também de uma coisa particularmente assustadora, no meu ponto de vista, que é a questão da prevalência, de uma certa forma de um feminismo transfóbico que está cada vez mais evidente nas redes sociais e conquistando muita gente.

Então assim, eu penso que é necessária uma posição bastante firme aí em relação a essas posturas e essas posições, e não tratar da mesma forma, com esse certo relativismo liberal que encontramos em algumas comunidades que tentam tratar essas coisas como simétricas e não são simétricas, não é simétrico a pessoa dizer, da inclusão de pessoas trans, da inclusão de mulheres em outros lugares e outra pessoa vir e dizer: “Sim,

mulheres sim, mas trans não são mulheres”, é transfobia pura, de feminismo isso tem zero, isso só tem transfobia.

Então, é muito importante darmos atenção a essa questão, desse fogo amigo que começa minar algumas comunidades e começa trazer vários problemas, então, assim, complementando um pouco a fala do Marco, não são só inimigos de fora, também temos inimigos de dentro e fogo amigo que podem ser muito complicados de lidar, como são essas formas mais rígidas de ver o gênero.

Então, essas formas, que são parte da ciência moderna ligada a colonialidade, ligada a colonização, ligada ao eurocentrismo, por oposição a esses modelos que são de um pensamento de subjugado, de um pensamento muito mais ligado a expressão da dissidência sexual e de gênero, ligado a própria ideia de que o gênero não é um ponto fixo, pode ser também um trânsito e muita gente se vê neste trânsito. Então, por que as suas experiências contariam menos do que as experiências de quem sente seu gênero como fixo? Como determinado por grandes estruturas? Então, a minha aposta é exatamente nos processos que a Thiffany trouxe, os processos dessa pedagogia da desobediência.

Algumas de nós, enquanto professores e professoras universitários/as, temos uma obrigação de não ensinar apenas os velhos modelos canônicos que muito contribuíram para chegar na situação em que estamos e trazer essas produções, e trazer essas formas de pensar, trazer essa “fechação” para conseguir pensar de outra forma dentro dos estudos de gênero, dentro dos estudos feministas, dentro da teoria trans, dentro de uma série de propostas inovadoras e interessantes que estão ocorrendo.

Trazer, por exemplo, e ter atenção sempre, se é escolhida apenas autores e autoras cis ou heteros, autores só homens cis, autores/as só brancos/as para constar em uma bibliografia de uma disciplina, a gente está contribuindo diretamente para a manutenção da cishnorma, do androcentrismo, do heteros-

sexismo e do racismo estrutural, então, esse tipo de trabalho, esse tipo de pedagogia, eu acho que é absolutamente essencial como forma de vacina contra essas ideias que estão rolando aí e que são, ao meu ver, são expressões de uma crise que esse sistema conservador que já se encontra há muito tempo, sistema clássico de gênero que há muito tempo está sob pressão e muitas dessas expressões vem desses corpos desobedientes que estão aí fazendo a luta contra eles, e que de alguma forma, vão deixar a sua marca também nesses movimentos.

Então, eles estão se organizando tanto que estão com medo de perder a possibilidade de botar a pata em cima da gente, a questão que eu penso que é absolutamente essencial, é continuar a mostrar a nossa variedade interna, não gosto da expressão diversidade, sempre me faz lembrar da Benetton, então a nossa variedade interna, as nossas dissidências múltiplas, não apenas uma.

E, também, a possibilidade de poder constituir coalizões ativas, provisórias, contra determinadas coisas ou a favor de determinadas coisas, pensem no que é, por exemplo, o que foram as lutas, o que são as lutas pelos direitos sexuais e reprodutivos. Quando se estava fazendo o debate sobre o aborto em Portugal, uma das vozes importantes que nos ajudaram neste debate foram as Católicas Pelo Direito a Decidir, aqui do Brasil. Então, às vezes, essas coalizões são com pessoas que não se espera e eu queria alertar para essa necessidade de pensar uma forma um pouco mais ampla, e pensar dessa forma de criar movimentos que possam resistir a esta onda conservadora.

PERGUNTAS E DEBATE

Primeira coisa, a mim foi feito uma pergunta: “O que o movimento pode fazer?” Essa é uma pergunta que nunca pode ser feita para uma pessoa, é uma pergunta que tem que ser feita coletivamente porque não temos, ainda, respostas possíveis

a tudo e só chegaremos nessas respostas coletivamente, e não vamos chegar lá por que de repente alguém vem e diz: "Agora vamos fazer isso!" Não. Isso vai acontecer através de ações de democracia participativa, democracia radical, em que as pessoas possam se encontrar, possam se articular, penso que essa questão é essencial, precisamente, o que isso ajuda a conter essa dimensão uma certa fragmentação fraticida, essa tentativa de uma fragmentação em que cada grupo vai para o seu lado e cada grupo vai defender os seus interesses próprios.

Então, é mais interessante, por um lado, que essas políticas de defender o interesse próprio são importantes também, mas existem questões que afetam vários grupos ao mesmo tempo, quero acreditar que somos capazes de manter uma solidariedade entre esses diferentes movimentos, então, através dessa solidariedade, através dessas ações, que podem não beneficiar um indivíduo diretamente, mas que tornam as nossas sociedades melhores lugares para viver como um todo.

Então, tem toda uma questão que é muito importante, de projetos que nos ajudam a refundar coisas, que nos ajudam a criar outras formas de agir, outras formas de pensar e outras formas de nos articularmos, sendo que essa articulação pode acabar no momento seguinte e criar-se outras, elas não vão ficar para sempre, não necessariamente servem para tudo, há questões que pode contar com pessoas A, B, C, D e E, e outras já não, outras já precisam se articular com outro grupo, então é abrir um pouco essa racionalidade política para uma coisa muito centrada na prática e na ação.

É importante começar por problematizar a questão dos cuidados como formas coletivas de resistências ao próprio neoliberalismo, porque de fato, a proposta do neoliberalismo é a pessoa que se vire, é o empresário de si mesmo, o que é muito problemático o quadro de precarização, como estamos vivendo, por exemplo, aqui no Brasil, em um quadro que cada vez tem menos apoios, a cada vez as pessoas encontram mais dificuldades até para conseguir comida, e isso me parece uma

questão essencial, essa questão de pensar e priorizar os cuidados, os afetos.

Por outro lado, também, é bem importante trazer aqui e relembrar que hoje a Faixa de Gaza está sendo invadida por Israel mais uma vez, estão destruindo tudo, queria ter dito isso logo no início, mas só agora que me lembrei, e, me solidarizar com o povo palestino que está neste momento sofrendo um terrível ataque daquele Estado militarizado, colonial, que continua a fazer uma ocupação colonial da Palestina.

Como conseguir transformar questão do cuidado coletivo como uma coisa absolutamente central? Porque isso é uma forma de resistir ao neoliberalismo, trazer a interdependência entre as pessoas, que as pessoas não vivem sozinhas, as pessoas não existem por si só, ninguém vive assim, e que, a forma como o Estado neste momento, o Estado mínimo cada vez mais neoliberalizado está lidando com as pessoas, é uma forma terrível, é uma forma que só aumenta a precarização da vida, que tudo ameaça.

Então eu queria terminar por aqui. Agradecer a atenção de todo mundo, nessa forma difícil que é olhar para uma tela tanto tempo, e muito obrigado pela paciência.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, João Manuel de. **Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações transfeministas e neoliberais de uma cidadania de" consolação"**. Psicologia e Sociedade. 2013, vol. 25, n. 1, pp. 68-78.

____. **Desobediências de Género**. 2018. Salvador: Devires.